

A Cor Púrpura: Djonga e a violência na vida das masculinidades negras no Brasil¹

Antonio Augusto Galdino Wanderley²

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

O artigo analisa a música "A Cor Púrpura" do rapper Djonga, explorando questões como racismo e construção da masculinidade negra no contexto do rap brasileiro. O estudo objetiva revelar como a obra do cantor reflete as vivências violentas sofridas pelos homens negros, ao envolver análise textual, fundamentação teórica de autores como Bell Hooks(2022) e Frantz Fanon(2008). Além da análise da importância da Escuta Conexa(Janotti Jr,2021) para criar vínculos sociais e de conscientização. O artigo enfatiza o rap como ferramenta de mobilização social contra o racismo e a violência no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave:

Masculinidade Negra, Escuta Conexa, rap nacional, música, violência.

Introdução

O rap no Brasil tem uma importância para retratar as falhas do nosso Estado, em sua maioria, com a população dos descendentes afrodiáspóricos. Historicamente, a cena musical se mantém, em boa parte, usando a arte como ferramenta de luta e conscientização, além de ser um escape para as vivências e traumas suportados pela população negra. Entre os cantores e cantoras do rap nacional, Djonga, em 2022, lança o canção "A cor púrpura", do álbum O Dono do Lugar.

O objetivo deste artigo é refletir como a música "A cor púrpura" retrata a vivência violenta sofrida pelo homem negro, na realidade brasileira. Em meio a tantas obras relevantes para a discussão, este artigo analisa tal canção por ela apresentar um

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiáspórico, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Estudante de Graduação 3º.semestre no Curso Rádio, TV e Internet na UFPE, email: augustogaldino2@gmail.com

percurso da violência. Seu protagonista descreve, em primeira pessoa, violências sofridas ao longo de sua vida, relacionadas a abusos físicos e psicológicos, que culminam na reprodução da violência por parte do próprio protagonista.

Ao que cabe a tal movimento, este artigo irá analisar a performance do homem negro, segundo uma reflexão da violência nas masculinidades negras, assim como apontado por Bell Hooks(2022) e o descompasso apresentado por Frantz Fanon (2008) na formação identitária do homem negro, em relação ao homem branco, quando aquele está inserido em uma sociedade hegemônica branca; como a brasileira.

Além disso, contribui com a análise a Escuta Conexa (Janotti Jr, 2021), que evidencia como, por meio da música, o ouvinte e o cantor, que vivenciaram experiências semelhantes, são ligados. Assim, como diz Jeder Janotti, os processos de escuta conectam experiências - neste caso, ligadas à violência provocada pelo racismo - a partir da “materialidade de corpos e territórios acionados em ambientações sonoras”(Janotti Jr,2021).

Masculinidade do Homem Negro: Os caminhos sobrepostos a ele

Na música, Djonga - o personagem- se retrata como um homem violento quando descreve seus relacionamentos, em vários aspectos, com homens e mulheres, nos quais o exercício da força do protagonista é o que define seus relacionamentos.

Quando adulto, seus valores e qualidades são os bens materiais que agora possui, como um marcador de prestígio para a sociedade. Ter condições de acessos que antes não possuía, dar uma legitimidade ao seu valor por meio do patrimônio.

O personagem se vê em dois caminhos que o despersonaliza, um é o homem violento comparado a um animal, uma besta sem alma que é capaz de tudo, do outro lado, uma pessoa que possui capital. Para ser aceito pela sociedade mediante os seus bens, ele cai em outra armadilha.

Foi com a disposição básica de ser gente que o negro organizou-se para a ascensão, o que equivale dizer: foi com a principal determinação a assemelhar-se ao branco - ainda que tendo que deixar de ser negro - que o negro buscou, via ascensão social, torna-se gente.(Souza,1983,p.21)

Bell Hooks e Neuza Santos Souza oferecem análises perspicazes sobre essas questões. Elas destacam que homens negros enfrentam dificuldades para alcançar posições de destaque. Muitas vezes, para ascender socialmente, um homem negro sente

a necessidade de abandonar sua identidade e se aproximar do ideal do homem branco, moldando-se de acordo com as expectativas e valores dessa cultura dominante, principalmente no que tange ao machismo e a aquisição do prestígio social, a partir do dinheiro. No entanto, seja qual for o caminho escolhido, ele é prejudicado, pois é transformado em agressor.

Por outro lado, isso não o faz incluído no padrão hegemônico branco. Isso o prejudica, como também prejudica os seus companheiros e companheiras, "pois o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco"(Fanon,2008,p.104).

Os pretos são comparação. Primeira verdade. Eles são comparação, ou seja, eles se preocupam constantemente com a autovalorização e com o ideal do ego. Cada vez que entram em contacto com um outro, advêm questões de valor, de mérito. Os antilhanos não têm valor próprio, eles são sempre tributários do aparecimento do outro. Estão sempre se referindo ao menos inteligente do que eu, ao mais negro do que eu, ao menos distinto do que eu. Qualquer posicionamento de si, qualquer estabilização de si mantém relações de dependência com o desmantelamento do outro. É sobre as ruínas dos meus próximos que construo minha virilidade.(Fanon,2008,p.176)

Bell Hooks fala como o hip-hop se torna uma forma de demonstração de força dos homens negros, que em suas letras gerenciam a violência e remetem sua conquistas pelo fato de ganhar dinheiro. Isso significa que estar em uma posição privilegiada sem ter pensamento crítico demonstra que o acesso a esse status não o libertou, mas sim colocou esse homem exatamente onde a sociedade patriarcal branca sempre quis que eles estivessem.

De toda forma, a masculinidade negra é direcionada a um caminho que o homem negro não criou, ele apenas segue o que foi criado para si. O cantor ao criticar-se, a partir da experiência dele na vida e na carreira musical, encontra o padrão de erros que são oferecidos.

Amor: O caminho possível para a revolução do homem negro

Na parte final da canção é narrada a interação do personagem principal com o seu filho, que conta ter sido mordido por um colega da sua idade. A resposta do pai vem da sua vivência, o que foi aprendido desde pequeno até a sua vida adulta: a violência. Ele incentiva o filho a revidar, para ser respeitado na escola e não virar motivo de piada entre os amigos. De todas as formas de resolver o problema, o personagem ensina que a única forma de resolução nesta situação é o contra-ataque. Em uma ligação anterior

descrita no começo da música, o passado do protagonista é resultante de vários abusos vividos, a forma dele proteger o seu filho é induzi-lo a atitudes violentas.

O personagem não tenta quebrar o ciclo, mas o mantém, pois “a maioria dos meninos negros é condicionada a ser vítima de abuso emocional, em casa e na escola”(Hooks,2022,p.162), e o pai cumpre esse papel, na suposta explicação que pode fortalecer o filho. Porém, a reação do filho toma um caminho diferente do esperado, em forma de silêncio e gesto de negação, ele condena a violência ensinada pelo pai.

Assim, a situação ganha uma reviravolta, o ato da criança contra a agressividade gera no adulto um questionamento de uma vida de dor seguida entre dois caminhos, o de vítima ou de agressor. Na contramão do esperado, ele descobre que o amor também é uma forma de revolta, um sentimento que não faz parar de lutar, mas vai além, une as pessoas, o faz ser melhor entre os entes queridos e nas suas diversas relações. Nesse momento da música, o protagonista revela que não havia curado as feridas, mas, ao interagir com o filho, essa possibilidade se tornou real. Hooks destaca:

Homens negros feridos podem ser curados. O processo de cura exige que eles rompam a negação, sintam o que realmente sentem e digam a verdade. No trabalho de reabilitação, a frase frequentemente evocada “você é tão doente quanto seus segredos” se mostra perspicaz.(Hooks,2022,p.181)

O início desse novo ciclo fecha a canção de Djonga para mostrar um recomeço. Homens negros podem negar a violência e a máscara que vem com ela para denominá-los. Ser amoroso é uma forma de revolta no lugar do homem negro violento. Não teria forma melhor de terminar a faixa se não fosse esta.

Cantor e ouvintes: O elo das vivências dentro da Escuta Conexa

É importante ter meios para alcançar os ouvintes, e a música facilita essa reflexão ao usar dispositivos tecnológicos que conectam o músico aos ouvintes, permitindo uma experiência de escuta mais próxima e envolvente.

Ao começar esse processo, a escuta nos guia para o próximo passo: por meio das atmosferas musicais, o processo de subjetivação ligado ao contexto social pode ser crucial. Dessa forma, vários indivíduos de diferentes territórios se conectam por meio da música e identificam experiências semelhantes em lugares diversos. Por exemplo, ao abordar o problema das violências causadas pelo racismo, Djonga, como músico,

compartilha sua experiência em Belo Horizonte, permitindo que pessoas de outros estados se identifiquem com sua música. Isso evidencia um problema social de escopo nacional, que afeta diferentes subjetividades.

Ao pensar escuta conexa como forma de criar um elo entre as pessoas, as características sociais que representa na música de Djonga, cria uma ligação entre homens negro que vivem em comunidades e sofre em vários aspectos situações de racismo que na maioria das vezes é expressada por violência física. O que faz este tipo de escuta unir subjetividades por meio da sua experiência e territorialidade, a partir de um grupo que descende da diáspora afro-brasileira, ligado ao passado e presente os enfrentamentos sociais. Sobre escuta conexa, Janotti Jr afirma:

A escuta conexa é um modo de abordar os regimes de escuta musical no ambiente comunicacional contemporâneo levando em consideração, ao mesmo tempo, os aspectos plásticos, culturais e sociais do consumo musical. Assim, a partir da noção de escuta como ato conexo é possível abordar a territorialidade da música como agência e “senso de pertencimento”. (Janotti Jr, 2021,p.5)

O elo criado entre os jovens negros por meio do Rap, faz com que os ouvintes se identifiquem com a música por aspectos culturais e abre uma discussão do problema. A música, por meio da arte, cumpre o papel de conscientização e aprendizado para conduzir as pessoas à discussão e reivindicação de problemas vividos, agora pleiteado em âmbitos sociais, o que de certa forma cria um movimento.

Considerações Finais

A música "A Cor Púrpura" oferece um rico material para refletirmos sobre a violência no Brasil e como a representação do homem negro é construída. Partindo disso, pensar as masculinidades negras nos faz refletir para quem é o benefício da imagem do homem negro estereotipado como um ser animalesco. Disso em diante, segue-se a discussão sobre a possibilidade de uma nova masculinidade, baseada no amor e não no ódio, como apontado por Hooks (2002). Assim, pensar que a luta não acaba, se o sentimento motivador for outro, é um caminho a ser trilhado, para unir a comunidade masculina negra. Tal discussão também pode respingar, positivamente, nas mulheres negras, que, ligando-se aos homens, representarão um grande grupo, cujos vínculos culminarão em lutas de raça e de gênero.

A fim de complementar a discussão, a Escuta Conexa, de Jeder Janotti Jr (2021), reforça como a música agencia discussões e vínculos, e compõe um processo social, que conecta quem a produz e quem a ouve. No caso da canção de Djonga, a letra expressa diferentes violências que culmina num elo entre pessoas que passaram por uma ou mais experiências retratadas na canção. Desse modo, a música representa uma forma de criar esse elo; continuar usando ela como um meio de educar e acionar pessoas ao pensamento crítico, faz esse recurso artístico importante para a sociedade.

Referências

Agência Brasil. "**Relatório mostra dados sobre violência policial contra negros.**" Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2023-11/relatorio-mostra-dados-sobre-violencia-policial-contra-negros>.

DJONGA. **A cor púrpura**. YouTube, publicado em 13 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e4HSm90Jsng>.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

G1 Globo. "**Monitor da Violência 2023.**" Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2024/03/12/monitor-da-violencia-2023.ghtml>.

HOOKS, B. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

JANOTTI JR., J. S.; QUEIROZ, T. A.; PIRES, V. **Deixe a gira girar: corporeidades musicais em tempos de escuta conexa**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2023.

JANOTTI JR., J. **Deambulações e Prescrições em Torno dos Regimes de Escuta Conexa**. In: 44º Intercom, 2021, Recife. Anais do 44º Intercom. São Paulo: Intercom, 2021. v. 1. p. 1-10.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA (MDH). "**Disque 100 registra mais de 17,5 mil violações sexuais contra crianças e adolescentes nos quatro primeiros meses de 2023.**" Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/disque-100-registra-mais-de-17-5-mil-violacoes-sexuais-contra-criancas-e-adolescentes-nos-quatro-primeiros-meses-de-2023>.

PONTE. "**Boletim Pele Alvo.**" Disponível em: <https://ponte.org/wp-content/uploads/2023/11/boletim-pele-alvo.pdf>.

SOUZA, N. S. **Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.